

# A PALAVRA DE DEUS NA VIDA E NA MISSÃO DA IGREJA

## Simpósio de Teologia 2008

### PALAVRA DE DEUS – ESCRITURA – TEOLOGIA

*Prof. Dr. Pe. Milton Aguilar Schreiber*

Debatedor

A questão proposta diz respeito ao método teológico. Acredito ser uma urgência atual que a teologia preserve seu estatuto de ciência, explicitando sua racionalidade própria. Isto não é possível se não se possui clareza quanto ao estabelecimento, aplicação e avaliação crítica do seu método. Em minha opinião, grande parte dos inconvenientes que afetam a teologia atual, provém da falta dessa clareza e coerência. O método teológico tem sido desestruturado pela invasão de ideologias teóricas, pelas urgências pastorais e pelo afã de atualização, em vista de uma teologia onde a Palavra de Deus se mostre inteligível, atraente, realizável e eficaz, e ainda, por outro lado, pelo despreparo em utilizar a Escritura como fonte. De fato, entre os pontos que constituem o método teológico está, sem dúvida, em primeiro lugar, o modo da presença das Escrituras na sistematização teológica, em continuidade com sua presença na vida da Igreja, método que não pode sofrer atropelos nem diante das instâncias mais legítimas.

A teologia parece ter tido sempre, ou quase sempre, uma insuperável dificuldade para apreciar e compor a exposição da verdade da fé naquele no qual “não há mudança nem sombra de variação” (Tg 1,17) com o processo da revelação e sua vivência, que sempre se apresenta como história, com suas contradições, paradas e superações, retornos e inovações, suas idas e vindas a desafiar a nossa racionalidade, mas cujo centro é o “Cristo que é o mesmo, ontem e hoje” (Hb 13,8).

Afinal, também o Verbo, feito homem nele mesmo e em nós, quis crescer “em sabedoria, em estatura e em graça” (Lc 2,52), já diante de Maria, a teóloga, ícone da Igreja, que “conservava a lembrança de todos esses fatos e os meditava em seu coração” (Lc 2,51.19), mesmo sem compreender a palavra de Jesus (cf. Lc 2,50). Como Jesus, também a semente da palavra tem que morrer em nós, parecer incompreensível e inaproveitável, para produzir fruto (Jo 12,24). Ainda mais, ela precisa nos fazer morrer, mostrar nossa incapacidade para entendê-la e vivê-la a contento, como teve que reconhecer Jo, até que pela conversão caia o véu (2Cor 3,16) e o Espírito possa ensinar a sua linguagem (1Cor 2,13), a sabedoria misteriosa e oculta (1Cor 2,7).

Entremos agora mais dentro do nosso assunto, colocando-nos em sintonia com o salmo 138:

17: “Quão insondáveis são os vossos pensamentos,

incontável ó Senhor é o seu número,

18: se eu conto serão mais que os grãos de areia,

Se chego ao fim, ainda falta conhecer-vos.

23: Senhor, sondai-me, conheci meu coração,

Examinai-me e provai meus pensamentos”.

O salmo nos dá o espírito com o qual enfrentar a questão deste terceiro dia do Simpósio: como entender a articulação entre a Palavra de Deus, a Sagrada Escritura e a teologia? Como se relacionam as três? O que faz a teologia em relação às outras duas? Pois é esta a questão que agora pretendo apresentar, sem, no entanto, abordar a relação entre a Palavra de Deus e a

Escritura, mas tomando-as como uma unidade. Há contradição e oposição? Mera repetição? Acréscimo artificial? Adaptação? Recriação? Superação? Referência para livre inspiração? É a teologia supérflua ou necessária? Não basta a Escritura lida na vida dos fiéis? Ou não é isso simplesmente a teologia para hoje? A que pacto podemos conhecer a Palavra e o pensamento de Deus através das Escrituras? Podemos conhecer quem é Deus, e quais seus desígnios para a humanidade através da Escritura, ou só conhecemos o que a Escritura significou para certa época, que para nós constitui uma mera referência exemplar?

De um lado parece que os dois termos, Palavra de Deus e teologia constituem uma tautologia, pois ambas são um discurso sobre Deus e seus desígnios. Estará a diferença em que a Palavra de Deus é discurso proferido historicamente e a teologia discurso refletido racionalmente, mas para apreciar a continuidade da presença de Deus na história até hoje? A Palavra de Deus é o *Logos- Ratio – Sermo*, que tendo-se encarnado em nós como o Pão da vida, pôde fazer surgir o discurso como ressonância de sua encarnação.

Por outro lado, a teologia pode parecer uma proposição prometéica, quase que Deus pudesse ser reduzido às condições precárias do nosso discurso, de nossa razão e experiência, que já não dão conta sequer da tarefa terrestre e da comunicação interpessoal. Pretendemos falar de Deus, mas o que conseguimos não são as inevitáveis e insuperáveis ficções e fixações a respeito dele?

Todavia, apesar de tudo, mesmo se os pensamentos de Deus são insondáveis, o próprio Senhor que quer se dar a conhecer, sonda e examina os nossos pensamentos para que sejam ressonância harmônica dos seus. O objetivo da teologia é, através da Escritura, com seus métodos de leitura e de interpretação, se aproximar da Palavra de Deus e, nesta, da Sabedoria que tudo organizou na criação e na redenção até a glorificação; objetivo maior é se deixar conhecer por Deus, para que ele possa depurar nossos pensamentos e aproximá-los dele, para que nós também possamos ter os pensamentos de Cristo (1Cor 2,16). A teologia é tensão para essa meta, não presunção de posse.

Se a Escritura contém o pensamento de Cristo, a teologia é o pensamento do Cristo total, cabeça e membros, corpo que da Palavra precisa continuamente se alimentar, se purificar e se imunizar “contra os dardos inflamados do Maligno” (Ef 6,16).

Através da audição, reflexão, ruminação, meditação, oração da Palavra, a teologia tenta mirar à Sabedoria que tudo planejou “antes da criação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis” (Ef 1, 4), que já pensou a nossa reação assimilativa à sua Palavra, para nela completar a sua revelação. Afinal, “recebemos o Espírito que vem de Deus, aquele que conduz à verdade plena, afim de que conheçamos os dons da graça de Deus” (Jo 16,13 e 1Cor 2,12), sendo tal conhecer a continuidade da experiência, da reflexão e do testemunho.

Na Tradição recente tornou-se usual relacionar Palavra e Escritura, de um lado, com a teologia, dizendo que a Escritura é a alma da teologia. Através da Escritura a Palavra de Deus chega à reflexão teológica naquele que foi criado qual imagem do Logos. A teologia é gerada pelas núpcias entre o Logos e a Escritura acolhida na fé no coração do discípulo.

A teologia busca chegar à Palavra de Deus, não como gerada eternamente, pois Deus habita uma luz inacessível (1Tm 6,16), mas para contemplar a Sabedoria com a qual a geração eterna se manifestou a nós através das encarnações que culminam no Verbo feito carne, aquele que tudo recapitula, o desígnio de Deus e sua realização histórica. Criador e criatura, o divino e o humano, o ontem e o amanhã.

A expressão, a Escritura é alma da teologia, foi usada pela primeira vez, pelo que consta através dos documentos, em 1687 na “Ratio studiorum” dos jesuítas por ocasião da 13ª Congregação Geral; em seguida, em 1883 pela 23ª Congregação geral. Reaparece em 1885 na introdução à Escritura do pe. K.J.R. Cornely. Em seguida foi assumida pelos papas, por Leão XIII em 1893 na “Providentissimus Deus”, por Bento XV em 1920 na “Spiritus Paraclitus”, para

enfim reaparecer no Concílio Vaticano II, na *Dei Verbum* nº 24 e na *Optatum totius* nº 16. Não pretendo identificar as razões que levaram à introdução dessa expressão em cada um desses documentos. Mas seguindo o salmo que diz “Oxalá ouvísseis *hoje* a voz do Senhor” (Sl 94,7), entendo que a Escritura é a alma da teologia porque lhe confere unidade, identidade e vitalidade, qualidades indispensáveis que a Escritura pode conferir porque as possui. A Escritura é a alma da teologia, porque o Filho, Palavra com Espírito, é a alma da Escritura, pois lhe dá o que tem como próprio seu.

A Escritura confere **identidade** à teologia, faz a teologia ser realmente cristã, não uma composição resultante de um compromisso eclético entre o judaísmo, o helenismo e a modernidade, qual reprodução e consagração do espírito de cada época. A identidade da Escritura provém de ser revelação do Deus único, não simplesmente o único que existe, mas o único Santo, vivo e verdadeiro, para o povo que Ele formou de maneira única até que nascesse o Filho único da promessa no qual são enxertados os filhos da oliveira selvagem (cf. Ro 11).

A Escritura confere **unidade** à teologia, pois Deus é o autor, Cristo o centro recapitulador da história que o precede e da história que o segue, e meta única a salvação, tendo sido confiada a uma comunidade vocacionada à unidade, “acordes no mesmo sentimento, no mesmo amor, numa só alma, num só pensamento” (Fl 2,2). A teologia não aprecia uma exegese que se auto satisfaz com a dissecação, ou então seleção de textos, privilegiando como mais verdadeiro, por exemplo, o mais antigo, ou então o mais genuinamente judaico. A análise mira à síntese, para a qual não basta se deter na intenção do hagiógrafo ou no sentido histórico-crítico.

A Escritura, inspirada pelo Espírito que dá vida (2Co 3,6; 1Co 15,45), confere **vitalidade** à teologia, que é a capacidade de se expandir e de assimilar e integrar instâncias e contribuições externas das culturas. Cada versículo da Escritura, ensinava Orígenes, é como o grão de mostarda, que cresce e se multiplica em frutos, torna-se uma árvore onde pousam pássaros vindos de outros lugares. Ou como ensinava São João Crisóstomo, cada versículo é como o pão que o anjo preparou para Elias, em virtude do qual o profeta caminhou 40 dias até o monte do Senhor. Afinal, a vida eterna consiste em conhecer o Pai e aquele que ele enviou (cf. Jo 17, 3). Por esta última referência, entende-se que o conhecimento teológico jamais pode ser exclusivamente ou predominantemente especulativo, pois Deus não se deu a conhecer para nos informar, ampliar a nossa cultura, muito menos para se exhibir ou para nos oprimir, mas para suscitar uma resposta e acolhida de adesão e comunhão de vida com ele. É uma profanação, uma forma de prostituição, como se expressou Bento XVI, usar a revelação, a Palavra de Deus, a Escritura e a teologia para outros fins que não sejam corresponder à intenção divina ao se comunicar. Transformar em fins os meios necessários e úteis para isso, é levar a Escritura para o oposto de sua natureza, produzir a morte, a desunião, a dissolução da identidade. É preciso ser homem de desejos, como Daniel (Dn 9,23, segundo Teodocião e Vulgata) e não de contestações (Orígenes, in Ro 7,17).

Essas três qualidades não são evidentes na Escritura, afinal a alma não é visível em si mesma e a sua natureza não é facilmente identificável. Para Orígenes, “O conjunto das Escrituras...é semelhante a inúmeros quartos fechados a chave, numa única casa. Próximo da porta de cada um dos quartos está uma chave, porém ela não corresponde à fechadura daquele quarto. Desse modo estão espalhadas as chaves junto a cada porta, mas nenhuma é a certa do lugar onde foi posta...é um trabalho enorme encontrar as chaves e fazê-las corresponder às respectivas fechaduras...assim as Escrituras possuem o próprio princípio de interpretação (to exeghetikón) disperso no meio delas” (Phil II, 3), mas quem tem a chave de Davi (Ap 3,7) é o descendente de Davi (Ap 5,5), pois quem inspirou o texto desvela o seu sentido e o seu alcance. A água do Espírito é água viva, não parada, água que jorra para o alto e transporta quem a bebe (cf. Jo 4,14). A teologia não escamoteia as diferenças internas e contradições dos textos, mas procura vê-las dentro de uma unidade maior, tantas vezes dialética, onde um texto posterior dá o sentido e leva a cumprimento um texto anterior; a dificuldade da integração não desmente o pressuposto da unidade, pois esta é feita de “obras imensas e pensamentos profundos” (Sl 91,6).

A dificuldade não desestimula nem leva à acomodação, mas sim a incessante admiração, “Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos” (Ro 11, 33).

Se a Escritura é a alma da teologia, a teologia, no nível do conhecimento, é o corpo da Escritura, e então uma continuação da encarnação, para o ser humano que é imagem de Deus. A teologia oferece sua racionalidade à Escritura, não em primeiro lugar pela adoção de categorias filosóficas prontas, mas pelo fato que a racionalidade, educada pela busca desinteressada da verdade, leva a desvendar e a organizar a racionalidade específica da fé, levantando sua estrutura lógica. O método histórico-crítico é como uma gramática e uma sintaxe para a teologia. A exposição sistemática tem presente as regras gramaticais, mas estas não fazem o discurso teológico, que depende do Espírito que conduz a Esposa à verdade e à invocação plena (cf. Jo 16,13 e Ap 22,17). O homem é razão, capacidade e necessidade de ir além das aparências, de interpretar os sinais do transcendente. As sementes na mão do *Logos* semeador são espalhadas pelo campo da razão histórica, a que faz a Escritura viver em todos os ambientes, não só onde nasceu, em todas as épocas, para todos os homens e situações.

Como chegar até uma compreensão mais profunda e condizente do sentido da Escritura, sem cair no arbitrário, no ideológico, na satisfação de interesses humanos não confessados, sem se deixar levar por ressentimentos? Como evitar recorrer às Escrituras para comprovar, ou tão somente para comprovar teses pré-estabelecidas, válidas ou suspeitas, escolásticas ou liberais, conservadoras ou progressistas, tradicionais ou originais?

O recurso da teologia à Escritura é tanto mais válido quanto mais faz emergir a unidade, a identidade e a vitalidade da fé cristã da comunidade dos discípulos. O recurso é tanto mais impróprio e criticável quanto mais compromete a unidade, a identidade e a vitalidade da fé cristã. Busca-se então um método não regressivo, segundo o qual, estabelecida uma tese, volta-se ao passado para lá identificar as provas a confortar a tese sustentada, mas sim um método genético-progressivo, que acompanha o formar-se e o afirmar-se de cada uma das linhas de pensamento até hoje. Muitas vezes é preciso a paciência para deixar o joio crescer junto com o trigo, para dar tempo para o grão de mostarda crescer e mostrar a sua fecundidade. A presença de ervas daninhas e pragas, devidamente tratadas, não apontam à má qualidade da semente e nem impedem a sua fecundidade.

Não há critérios absolutos com precisão técnica para o uso teológico da Escritura que não a corrompa e a profane; o uso dos critérios e métodos depende da sensibilidade educada pela fé e da sabedoria na percepção do todo onde captar a posição de cada parte, pois “o entendimento pode julgar o valor das palavras, como o paladar aprecia o gosto dos alimentos” (Jo 34,3).

Várias categorias foram usadas para abraçar a relação entre texto bíblico e interpretação teológica: relação entre implícito e explícito, pressuposto e consequência, indistinto e distinto, plano ou projeto e meios de realização, na condição da homogeneidade ou implicação lógica do desenvolvimento, do crescimento, da evolução do dogma, da teologia e da fé vivida.

A palavra de Deus escrita é como um tema musical. Porquanto o tema seja conhecido e simples, não é possível prever as variações que um compositor com talento é capaz de criar sobre ele. Aqui não é possível impor limites prévios à quantidade e variedade das variações, fruto de plena liberdade criativa dentro da unidade do mesmo tema. A interpretação da Escritura é infinita (Escoto Eriúgena), como Deus que através dela se comunica. Por sua vez, a comparação com a semente dá uma idéia de um desenvolvimento determinístico, onde não há novidade, mas explicitação do desconhecido. Melhor é a comparação com o enxerto, para entender a contribuição de criações de outras culturas externas à revelação, assim como a arbusto da mostarda no qual pousam muitos pássaros, mesmo que de passagem, ou fazem seu ninho realizando sua fecundidade.

Rabbi Ishmael, ao citar Jr 23,29, “A minha palavra é como um martelo que arrebenta a rocha”, tece a respeito o seguinte comentário: “Da mesma forma como esse martelo provoca

milhares de fagulhas cintilantes, assim também uma só passagem da Escritura dá margem a múltiplos sentidos e cada versículo abre-se para numerosas leituras”.

Dos pães que Jesus multiplicou recolheram doze cestos, a sinalizar que não conseguimos aproveitar de toda a substância da Palavra de Deus distribuída através das Escrituras, e que fica sempre uma reserva para as futuras gerações.

Há ainda um processo no tempo, cuja duração não podemos prever nem programar com prazos, para da leitura chegar à compreensão. Os discípulos de Emaús não reconheceram Jesus na primeira explicação das Escrituras, e embora seus corações ardessem, não sabiam o porquê. Foi preciso que convidassem Jesus, o acolhessem em sua casa e lhe oferecessem o pão. Para além do texto foi preciso um gesto, uma ação de Jesus dentro da vida deles. Há assim dois graus de compreensão, a partir de um problema insolúvel e escandaloso, a decepção pela morte daquele que pensavam ser o Messias esperado. A teologia identifica e coloca uma questão, um problema vivamente sentido, que sempre tem a ver com a morte de nossas esperanças, busca na Escritura a compreensão, mas aguarda a ação do Senhor para abrir os olhos e reconhecer a sabedoria de Deus na conexão da encarnação, morte, ressurreição do Senhor que vive nos que se alimentam do pão da palavra e da eucaristia.

É curioso o uso do verbo “dianoigein” no Novo Testamento, onde recorre oito vezes: em Lc 2, 23 é a abertura do útero pelo primogênito, em Mc 7,34 é a abertura do ouvido na cura do surdo, em Lc 24,31 é a abertura dos olhos para verem o ressuscitado, em At 16,14 é a abertura do coração de Lídia para aderir às palavras de Paulo, em Lc 24,45 é a abertura da mente, em At 17,3 e Lc 24,32 é a explicação das Escrituras que já aludiam à morte e ressurreição de Jesus, enfim em At 7,56 é a abertura dos céus para que Estevão veja o Filho do Homem à direita de Deus. Assim, o Cristo gerado em nós pela fé, pela leitura das Escrituras, abre-nos o ouvido, a mente, o coração e os olhos, para que entendamos o que nos quer dar a conhecer, e assim o reconheçamos, confessemos e adoremos como o Senhor glorioso sentado à direita do Pai. Seja nossa oração a do salmo 118, 18: “Abri meus olhos e então contemplarei as maravilhas que encerra a vossa Lei”.

A abordagem do mistério de Deus se processa assim através do mistério das Escrituras. Em verdade, não conhecemos a Escritura, mas nela encontramos a Palavra de quem nos conhece, em cujo conhecimento cada um se reconhece. A interpretação teológica da Escritura é uma luta, na qual o homem, a quem Deus se dirige, combate com aquele que lha dirige, e na luta sai ferido na capacidade de sondar os caminhos de Deus, mas na ferida entende aquele que, mesmo ressuscitado, mostrou as chagas e é esse o Jesus de que tratam todas as Escrituras, a própria Palavra de Deus.

Que a Escritura seja alma e não arma da teologia, para vencer competições e eliminar adversários! Que seja alma e não espectro (cf. Mc 6,49s), quando tentamos esconjurar os textos que não estão nas nossas pré-compreensões ou incompreensões assumidas como novos dogmas!

O salmo 118, após 175 versículos de amoroso encantamento com a Palavra de Deus, conclui com o pedido: “Se eu me perder como uma ovelha, procurai-me, porque nunca esqueci vossos preceitos” (Sl 118,176). Seja a nossa preocupação que não nos desgarramos do sentido que o Senhor inspirou às Escrituras e o Espírito continuamente amplia, e que sempre nos reconduza ao redil e às pastagens da vida da Igreja.